

A importância de revisitar o passado em tempos de crise: a concepção de Anísio Teixeira sobre a Educação Superior e a Universidade no Brasil

Amanda Gonçalves da Silva*

Introdução

Anísio Teixeira (1900-1971) foi um grande percursos e defensor de uma educação pública, gratuita e de qualidade. Seus escritos são importantes reflexões sobre o processo de instauração da primeira universidade brasileira, bem como por sua luta por uma universidade pública, gratuita, moderna e que valorizasse a cultura nacional. Em tempos de crise com a pandemia da Covid-19, que assola o Brasil e o mundo há mais de um ano, revisitar o passado é necessário para valorização da universidade que passou por um longo e tortuoso processo de resistência para sua criação como uma efetiva instituição brasileira.

Diante do atual cenário pandêmico e de negligencia do governo federal, a universidade brasileira convive com constantes ataques que colocam em risco sua manutenção. Como exemplo, temos as recentes manifestações da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a primeira universidade do Brasil, em crise¹ diante dos cortes orçamentários do governo de Jair Bolsonaro.

Revisitar o passado, é revisitar a história de nosso país, de nossas universidades a partir da interpretação de um grande intelectual brasileiro. Este texto objetiva analisar² o processo de resistência para criação de uma universidade brasileira, com educação superior nacional, de acordo com a concepção de Anísio Teixeira. Destaca as críticas do autor sobre esse processo e como, a partir dessas análises, Teixeira construiu seu modelo de universidade moderna, pautado na valorização da cultura nacional. Para tanto, destaca o pensamento de Teixeira sobre a educação superior e a universidade

* Doutoranda em Educação – PPG Educação da Universidade Federal Fluminense (PPGE-UFF).

E-mail: amandags@id.uff.br

¹ Fonte: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/12/ufrj-detalha-crise-apos-bloqueio-de-verba-e-cita-risco-de-fechar-nao-da-para-manter-diz-vice-reitor.ghtml>>.

² Cabe ressaltar que o trabalho não tem a pretensão de realizar uma análise aprofundada do pensamento de Teixeira sobre a universidade e a educação superior, nem mesmo de exaurir o assunto.

brasileira através do estudo de suas obras: A expansão do ensino superior no Brasil (1961); Uma Perspectiva da Educação Superior no Brasil (1968); Ensino Superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969 (1989), dentre outras. A temática também é citada e corroborada no texto com o aporte de Cunha (1980) e Fávero (2006).

Para Anísio Teixeira a educação superior brasileira é demarcada por um longo período de resistência e disputa que perpassaram – e perpassam – o cenário político e econômico do país. Durante o longo período de exploração portuguesa em terras brasileiras até o início da Primeira República, foram inúmeras tentativas de criação de uma universidade. Sendo sua criação possível apenas em 1920³, até então, escolas superiores isoladas eram as responsáveis pelo ensino superior brasileiro (TEIXEIRA, 1968).

Em sua análise, Teixeira reflete sobre a alienação do ensino superior brasileiro. Para o autor, o ensino estava remetido ao passado e através disso, existia o desdém pelo presente. A segunda alienação refere-se a cultura que nos era transferida, a cultura europeia. Com isso, o Brasil era esquecido. Pois “a classe culta brasileira reflete mais a Europa e o passado do que o próprio Brasil: estávamos muito mais inseridos na verdadeira cultura ocidental e até na antiga - latina e grega - do que em nossa própria cultura” (TEIXEIRA, 1968)⁴.

Para ele “a nossa educação naquele tempo era muito mais para uma civilização europeia do que para nossa” (TEIXEIRA, 1968). Sendo assim, seu pensamento sobre o ensino superior se desenvolve através da necessidade de uma universidade moderna que representasse a cultura nacional.

O ensino superior no Brasil e a resistência para criação de uma universidade

A educação superior no Brasil absteve-se de uma universidade durante um longo período. Do início da exploração pela Metrópole Portuguesa, até após sua independência. Apenas em 1920 foi instituída a primeira universidade brasileira, através da junção de escolas superiores já existentes no país. De acordo com (PAULA, 2002) a instituição foi criada por interesses políticos. Para Teixeira (1964) essa nova universidade ainda estava distante das reais necessidades educacionais do país que,

³ Levando em consideração os escritos do autor, a primeira universidade brasileira aqui citada será a Universidade do Rio de Janeiro, posteriormente denominada como Universidade do Brasil e atualmente conhecida como Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁴ Essa obra não possui páginas sinalizadas em seu texto *online*.

durante muito tempo, teve em seu bojo influências sociais, culturais e educacionais da Metrópole.

O processo para criação das primeiras instituições de ensino superior no Brasil é demarcado por um período de resistência de Portugal, como reflexo de sua política de colonização, e pela Colônia brasileira que não via necessidade de criação de instituições desse gênero, sendo mais adequado que as elites procurassem a formação superior na Europa (MOACYR, 1937; FÁVERO, 2006).

O ensino superior, desenvolveu-se, inicialmente, sob a influência da educação jesuíta. Através dela, a formação era fundamentada em um currículo que objetivava o treinamento da mente e à cultura geral, reforçando as ideias da universidade medieval. A educação era orientada pela Universidade de Coimbra, em Portugal, dirigida pelos jesuítas, que, no Brasil, implementaram colégios superiores inspirados nessa instituição. Desse modo, o Brasil esteve amarrado à cultura medieval, onde a educação era pautada nos estudos de latim e na literatura clássica.

A universidade desse tempo, que influenciava a Universidade de Coimbra – espelho da educação no Brasil – estava dedicada à análise do conhecimento existente.

E não havia nenhum reflexo dessa universidade sobre a sociedade e, muito menos, sobre a produção. Nem a produção nem a economia, nem a sociedade dependia da universidade, antes ela própria, a universidade, delas dependia. A universidade era tarefa especializada de um grupo de homens, devotados ao cultivo do saber do passado - cuja importância e riqueza reconheço - empenhados em transmiti-los a um grupo de jovens para o aperfeiçoamento individual de cada um (TEIXEIRA, 1968).

Foi a Universidade de Coimbra a responsável pela educação da elite brasileira que, em Portugal, era considerada “portugueses nascidos no Brasil”. De acordo com Teixeira (1968), entre 1550 e a transmigração da Família Real para o Brasil, os estudantes⁵ brasileiros em Coimbra totalizaram 2.500.

Durante o período colonial, os colégios superiores jesuítas, como a instituição da Bahia, graduavam seus alunos a nível de bacharel. Posteriormente, estes completavam os estudos no Colégio de artes da Universidade de Coimbra.

⁵ Para o autor foram esses estudantes que construíram a elite com que “enfrentamos o problema da Independência” (TEIXEIRA, 1968).

O que desejamos sublinhar é que, a despeito de não ter universidade, o Brasil considerava os colégios dos jesuítas como vestibulos da universidade, cuja formação em letras clássicas lhe parecia a mais perfeita formação do homem (TEIXEIRA, 1968).

No que século XVI, a Coroa portuguesa negou aos jesuítas a criação de uma universidade na Colônia (FÁVERO, 2006, p. 26). Sendo assim, os cursos superiores em colégios religiosos nas áreas de Teologia, Filosofia, Artes e ganharam espaço e vislumbre pela nobreza e burguesia brasileira que complementava a formação superior na Universidade de Coimbra e outras instituições da Europa.

Frequentavam os colégios os filhos de funcionários da administração portuguesa, de senhores de engenho, de criadores de gado, de oficiais mecânicos e, no século XVII, de mineiros (HANSEN, 2001, p. 67-68).

No período compreendido entre os séculos XVI e XVIII a criação de cursos superiores na Colônia teve unicamente como propósito: a exploração dos colonizados através do aparelho educacional (CUNHA, 1980, p. 22).

Com a chegada da Família Real no Brasil em 1808, foram criadas duas escolas de medicina, vinte anos depois as faculdades de direito, posteriormente uma faculdade de Minas e Mineralogia; e uma de Engenharia criada através da Academia Militar.

Ao longo dos anos ocorreram outras tentativas de criação da universidade brasileira. Alguns registros apontam para este objetivo na pauta da Inconfidência Mineira. Entretanto, mesmo após um século, as tentativas não lograram. Sendo uma delas durante a transferência da sede da Monarquia para o Brasil. Sendo assim, Portugal continuou exercendo influência na formação das elites até o final do Primeiro Reinado (FÁVERO, 2006).

Teixeira (1968) destaca que durante o período Colonial e Imperial, foram negados 42 projetos de implementação de uma universidade no Brasil, dentre eles o de José Bonifácio (1763-1838) e o de Rui Barbosa (1849-1923). Em 1822, durante o Congresso de Educação, o discurso realizado pelo conselheiro do Conde D'Eu, foi ouvido atenciosamente pelo Imperador D. Pedro II. Nesse discurso, o conselheiro Almeida repudia a criação de uma universidade brasileira. Sua argumentação estava voltada para crítica à universidade medieval, para ele

A universidade é uma coisa obsoleta, o Brasil, como país novo, não pode querer voltar atrás para construir a universidade; deve manter suas escolas especiais,

porque o ensino tem de entrar em fase de especialização profunda; a velha universidade não pode ser restabelecida (TEIXEIRA, 1968).

O educador salienta que a argumentação do conselheiro possui fundamentação, quando destaca que a universidade antiga não poderia ser renovada, mas espanta-se pelo fato dele não considerar as transformações da universidade alemã. O posicionamento conservador do governo brasileiro frente ao desenvolvimento educacional, estaria por trás dessa resistência.

Efetivamente, a universidade antiga era impossível ser restaurada. Quanto à universidade nova, o que estranho é que ele não tenha conhecido completamente a transformação sofrida pela universidade alemã. Mas, quando às demais universidades, estava com plena razão. A universidade se achava em período de decadência; não estava em condições de enfrentar os problemas modernos da ciência, da pesquisa e da transformação social. De sorte que não foi apenas, a meu ver, a consciência conservadora que se opôs à universidade; parece ter havido da parte dos governos brasileiros um particular e constante propósito de resistir a certos desenvolvimentos puramente ornamentais da educação (TEIXEIRA, 1968).

Com a sede da Monarquia no Brasil, em 1808, foram implementadas algumas escolas superiores profissionalizantes “destinados à formação burocratas para o Estado e especialistas na produção de bens simbólicos” (CUNHA, 1980, p. 64). Os cursos de medicina/cirurgia e de matemática eram ofertados em estabelecimentos militares, como a Academia Militar e Academia da Marinha. Além da formação profissionalizante, a produção de bens simbólicos para o consumo das classes dominantes também ocorreu através

[...] dos novos cursos superiores militares e de Medicina, e dos antigos, de Filosofia e Teologia [...], foram criados cursos superiores de Desenho, História, Música. O curso de Arquitetura sintomaticamente localizado na Academia de Belas Artes, também desempenhava a função de formar especialistas na produção de bens simbólicos. Mas, decerto, foram os cursos de Direito os mais importantes dos que cumpriram essa função [...] (CUNHA, 1980, p. 65).

Nessa mesma época, nos estados do Rio de Janeiro e da Bahia, foram instituídos cursos na área de medicina e dois centros médicos-cirúrgicos que foram as matrizes para as atuais Faculdades de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Em 1810, por intermédio da Carta Régia, instituiu-se a Academia Real Militar onde foi implantado o núcleo da atual Escola de Engenharia da UFRJ. Com a criação de cursos jurídicos em 1827 em São Paulo e Olinda, esses cursos “passam a ter grande influência na formação das elites e na mentalidade política do Império” (MOREIRA, 1960, p. 53).

O Império manteve sua resistência para criação de uma universidade brasileira, o que refletiu na disseminação de cursos superiores isolados. A respeito da universidade, apenas em 1889, durante sua última fala do trono, D. Pedro II reconheceu que seria conveniente a criação de uma universidade no Norte e outra no Sul do Brasil, o que não foi realizado.

Durante o Império e com o advento da República em 1889, as tentativas de criação de uma universidade brasileira continuaram. Desse período até a Revolução de 30, “o ensino superior do país sofreu várias alterações em decorrência da promulgação de diferentes dispositivos legais” (FÁVERO, 2006, p. 21).

Teixeira (1968) destaca que com a República, houve estímulos para criação de escolas agrícolas e liceus de artes e ofícios. No entanto, a inclinação para criação de uma universidade pensada e voltada para cultura nacional não foi manifestada.

Com a Reforma Carlos Maximiliano⁶ em 1915, foi instituído o Decreto nº 11.530 que dispõe sobre a criação de uma universidade, quando o Governo Federal achasse oportuno, através da junção das Escola Politécnica e Medicina do Rio de Janeiro, incorporadas a uma das Faculdades Livres de Direito do estado.

Sendo assim, em setembro de 1920 o Presidente Epitácio Pessoa por intermédio do Decreto nº 14.343 institui a Universidade do Rio de Janeiro (URJ) através da junção: da Faculdade de Medicina, oriunda dos cursos da Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Hospital Militar do Rio de Janeiro; Escola Politécnica, fundada em 1874 a partir dos cursos da Academia Real Militar, existente desde 1810; e a Faculdade de Direito, criada como resultado da fusão, em 1920, da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais com a Faculdade Livre de Direito, ambas fundadas em 1891.

Após o período de cinco anos entre a instituição do decreto e a criação de Universidade do Rio de Janeiro, para Paula (2002) o motivo que impulsionou sua criação foi a visita do Rei Alberto I da Bélgica, para comemoração do primeiro centenário da independência, a quem foi oferecido o título de doutor *honoris causa*. Um título

⁶ Prevê a reorganização do ensino secundário e superior, institui o vestibular para acesso às instituições superiores.

honorífico acadêmico não poderia ser concedido pelas uma escola ou faculdade isolada de ensino superior existentes.

Nas palavras de Teixeira (1968):

Esta universidade, pois, criada no Brasil em 1920, é o primeiro arremedo de universidade que o País tem. Nós estávamos presos à tradição do ensino superior profissional utilitário, destinado a habilitar para o exercício de uma profissão.

Posteriormente, em 1934 foi instituída a criação da Universidade de São Paulo (USP) e em 1935 a Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, então capital do Brasil. No entanto, esta última foi extinta anos depois.

A educação superior e a universidade de acordo com Anísio Teixeira

O pensamento de Anísio Teixeira sobre a educação superior estava embasado na necessidade de uma universidade brasileira democrática, autônoma, voltada para cultura nacional. Seu pensamento sobre esse modelo de instituição foi efetivado através da criação da Universidade do Distrito Federal, fundada em 1935 e da Universidade de Brasília, instituída em 1961.

A trajetória social de Anísio Teixeira está inserida nos movimentos do pensamento educacional da época e no debate acerca do projeto e do destino da sociedade brasileira. O intelectual, atento às transformações no espaço social mundial, vislumbrou na proposta de criação de uma universidade verdadeiramente nacional, a possibilidade de materialização do desenvolvimento da sociedade. Partidário do liberalismo progressista, Teixeira pensou a universidade enquanto instituição produtora do saber, uma vez que acreditava ser impossível difundir a cultura nacional e formar um homem novo sem a universidade (BERTOLLETI, 2012, p. 552).

Para Teixeira (1968) o grande objetivo da educação deveria ser a formação para consciência nacional, pois sem uma cultura nacional a formação dessa consciência não seria possível. A universidade era fundamental para esse processo. Uma das críticas de Teixeira sobre a educação superior brasileira, estava embasada na forma como a cultura europeia era “imposta” através da educação, não existindo uma valorização da cultura nacional.

Penso que o Brasil teve a universidade, mas a universidade universal, a universidade que se destinava a dar ao brasileiro uma cultura universal, universidade que tinha por fim fazer dele um homem universal, que era o objetivo da universidade da Idade Média e que revivia, ressurgia, dentro das modestas escolas profissionais que possuímos (TEIXEIRA, 1968).

A instituição universitária era medieval (TEIXEIRA, 1968), composta pela organização de professores e alunos voltados para tarefa de descobrir a verdade, de descobrir o conhecimento. E foi na inspiração dessa universidade que o Brasil conheceu o ensino superior brasileiro através das escolas isoladas. Teixeira destaca a importância de uma universidade moderna⁷, dedicada à ciência e à pesquisa, como a universidade alemã⁸ de Humboldt.

Então, não se trata de dizer apenas que a universidade precisa dedicar-se à pesquisa. Ela tem de reformular o conhecimento que iria ensinar, conhecimento que não estava “feito”, mas em processo de elaboração. Quando se diz que a universidade deve passar à pesquisa não significa deva haver um acréscimo, isto é, que lhe devemos anexar mais uma tarefa para ela se transformar na universidade de pesquisa. A universidade somente será de pesquisa quando passar a reformular a cultura que vai ensinar (TEIXEIRA, 1989, p. 89).

É absolutamente necessário que a educação seja um processo de incorporação pelo aluno da cultura real da sociedade, cultura de que a universidade seria a reformuladora; e não um acréscimo, não um ornamento, não um simples processo informativo. Só conseguiremos transmitir a cultura e o saber quando transformarmos as nossas instituições educacionais em instituições realmente embebidas no solo brasileiro, na terra brasileira, a refletiram a peculiaridade brasileira e o modo de pensar brasileiro (TEIXEIRA, 1989, p. 90).

⁷ A Modernidade trouxe uma nova visão de mundo e uma nova forma de verdade que passou a ser instituída como princípio de construção do conhecimento e como promessa de melhor condução da vida humana, não mais pela fé, mas pela razão. Sendo assim, o modelo de universidade atual, teve início com a Modernidade e suas bases asseguradas na razão, na racionalidade científica que teve início com a Revolução Científica de XVI (PEREIRA, 2014). A Universidade do Rio de Janeiro (URJ), posteriormente denominada Universidade do Brasil, teve como inspiração a estrutura organizacional e institucional do modelo francês napoleônico; por outro lado, outras instituições como a Universidade de São Paulo (USP), inspiraram-se no modelo alemão humboldtiano. Esses modelos influenciaram outras universidades em suas organizações acadêmico-pedagógicas, principalmente na disposição curricular do conhecimento (SILVEIRA; BIANCHETTI, 2016).

⁸ O caminho do pensamento moderno na universidade iniciou com a fundação da Universidade de Berlim, na Alemanha, em 1808, por Wilhelm von Humboldt que incorpora os valores do desenvolvimento da racionalidade e da ciência como objetivo da formação universitária. De forma resumida, no modelo pensando por Humboldt, a universidade é uma instituição que aproveita da autonomia relativa na produção do conhecimento com relação direta com os interesses do Estado, onde este vê na ciência a força necessária para legitimar o projeto de nacionalidade (SILVEIRA; BIANCHETTI, 2016).

A concepção de uma universidade moderna surgiu em meados do século XIX na Alemanha através da introdução da ciência na universidade. Na universidade alemã, através de Humboldt, a pesquisa - do campo da humanidade, ciências físicas e naturais - foi introduzida na educação. Anteriormente a intervenção de Humboldt, a universidade estava voltada para aprendizagem do conhecimento já existente e formulada pelos livros antigos.

O pensamento universitário moderno de Teixeira também foi consolidado através do seu contato com a educação norte-americana. Foi através da sua passagem, no final da década de 1920, pelo Teachers College da Universidade de Colúmbia que, de acordo com Nunes (2010, p. 19), Anísio viveu uma “intensa carga afetiva, uma experiência de conversão pelo avesso”. Através dessa experiência:

Numa dimensão laica, Anísio reviveu situações que conhecera no “mundo dos colégios jesuítas”, o que o empurrou a reinterpretar a realidade e produziu aos seus olhos e aos olhos dos outros uma ruptura biográfica que acentua o antes e o depois da estadia nos Estados Unidos. Adotou John Dewey como sua plataforma de lançamento para o mundo, como viga mestra para compreender o que se passava na sociedade norte-americana. Escolhera um crítico contundente dos impasses da democracia dessa sociedade, um colaborador direto de instituições instaladas no meio da população pobre e imigrante com objetivos filantrópicos e educativos, um pensador que denunciava, nos Estados Unidos, que a ameaça da democracia não estava fora do país, mas dentro dele: nas atitudes pessoais e nas instituições (NUNES, 2010, p. 19).

Teixeira (1989, p. 87) destaca a necessidade de uma universidade moderna, que vinculasse ensino, pesquisa e ciência como parte totalizante da instituição. Para ele

A cultura moderna tinha de ser formulada pela pesquisa para poder ser ensinada. Sem a universidade como centro de descoberta e de reformulação do conhecimento e como órgão nacional elaborador de cada cultura nacional, não seria possível a difusão pelas escolas comuns (primárias e secundárias) da cultura necessária ao desenvolvimento da nação, nem também a formação acadêmica do novo intelectual, do novo homem “culto” nacional.

Mendonça (2003) salienta que para o educador, o grande problema do ensino superior brasileiro, à época, era a inexistência de uma tradição universitária, para ele o atraso brasileiro estaria vinculado a nossa situação de dependência cultural e a inexistência de uma universidade direcionada para constituição da cultura brasileira.

Tendo em vista as necessidades sociais e culturais durante a primeira metade do século XX, Teixeira buscou consolidar o ensino superior como instrumento para reestruturação da sociedade através do desenvolvimento de um novo modelo universitário. Objetivando esta mudança – considerando as habilidades intelectuais individuais e as necessidades profissionais do país – ele propôs uma transformação nas estruturas, assim como a inserção da pesquisa e da elaboração do saber pelas universidades (BERTOLLETI; AZEVEDO, 2010).

Para Mendonça (2003, p. 153-154) o modelo de universidade, proposto por Teixeira, consistia na:

[...] instituição, por excelência, onde se construiria a cultura expressiva das sociedades contemporâneas, de base científica e tecnológica, e onde se formaria o novo intelectual a quem competiria exercer a direção da sociedade. Ela se constituiria, sem dúvida, em um dos principais focos de irradiação da nova mentalidade científica que seria preciso difundir ao máximo para se conseguir a relativa homogeneidade que viabilizaria o próprio exercício da direção social.

Teixeira, pensou a universidade como centro da busca pela verdade, de investigação e pesquisa. Para ele, era impossível difundir a cultura nacional e formar o indivíduo atento às mudanças sociais sem a universidade. Sendo assim, a renovação estava na mudança da estrutura da educação superior que existia no Brasil (BERTOLLETI; AZEVEDO, 2010).

Anísio Teixeira entendia que, a mudança da educação nacional estava na formação dos profissionais que atuavam em todos os níveis de ensino. Desse modo, assumiu a luta pela universidade, criticando o autodidatismo, o isolamento, a estrutura arcaica das instituições universitárias da época, assim como também a postura dos professores e alunos nela inseridos. O educador acreditava que essa universidade não era instrumento para unir um país, pois a universidade estruturada brasileira desunia, separava, diferenciava e não atuava como lócus da educação do saber (TEIXEIRA, 1989; BERTOLLETI; AZEVEDO, 2010). Anísio destaca a importância da universidade quando diz: “são as universidades que fazem, hoje, com efeito, a vida marchar. Nada as substitui. Nada a dispensa. Nenhuma outra instituição é tão assombrosamente útil” (TEIXEIRA, 1962, p. 2).

A importância dada à universidade pelo educador baiano e sua relação com a educação primária, é manifestada em um relatório escrito por ele em 1935.

A educação primária já se acha em marcha para uma relativa eficiência. Continuemos a melhorá-la qualitativamente, a dar-lhe melhores professores e melhores instalações. Tenhamos, talvez, um pouco menos de pressa em relação à educação rural, que é acima de tudo um problema de progresso e de riqueza, e voltemo-nos para as demais organizações escolares de que dependem os quadros técnicos médios e superiores, da civilização brasileira (TEIXEIRA, 1935, apud MENDONÇA, 1993, p. 108-109).

Anísio destaca a importância da reorganização da educação primária através da formação dos professores nas faculdades de educação, ciências e letras, por intermédio de uma “organização universitária que atendesse às imposições de uma cultura econômica e científica”, ao mesmo tempo em que preparasse “profissionais de ciências e de letras professores e homens de pesquisa e de criação”. O autor salienta que seriam os professores capazes de construir uma cultura que respondesse às necessidades dos pais. De acordo com Mendonça (2003, p. 110), esse processo aconteceria

[...] já que o desenvolvimento científico e tecnológico se dera de forma tão acelerada que gerara um descompasso entre as mudanças no nível puramente material (ou *quantitativo*, segundo o educador) da vida do homem e a sua dimensão mais *espiritual* (intelectual, moral e até religiosa). Seria, portanto, necessário formular uma nova cultura que não só expressasse os valores da nova civilização técnica, mas que servisse também de base para a sua crítica e constante reformulação. Só assim, para Anísio Teixeira, se poderia garantir uma direção verdadeiramente humana para o progresso técnico. Esta seria, exatamente, a função da educação nova (renovada e progressiva) e, muito especialmente, a função específica da Universidade, já que, na visão do educador, é com a criação desta instituição que efetivamente, se começa a discriminar a função da escola, como “órgão supremo da direção intelectual da humanidade”.

Foi pensando nessas questões e na crítica do modelo educacional superior implementado no Brasil, com raízes europeias sem a valorização da cultura nacional, que Teixeira manifestou suas ideias, em momentos distintos, com a criação da Universidade do Distrito Federal (1935) e Universidade de Brasília (1961). Como já mencionado, o trabalho não pretende analisar por completo as instituições citadas e o contexto histórico no qual elas surgiram. Entretanto, é indispensável citá-las mesmo que brevemente diante das considerações aqui expostas.

A UDF⁹ foi instituída na então capital da República, no Rio de Janeiro, pelo decreto municipal n. 5.513, de 4 de abril de 1935, durante o cargo de Anísio Teixeira como diretor da Instituição Pública¹⁰.

Interessado pelas questões educacionais brasileiras, Teixeira pensou em uma universidade que fosse o centro de formação de agentes atentos às necessidades culturais do país, assim como um centro de investigação e pesquisa (VIANA FILHO, 1990; BERTOLLETI, 2012).

Em seu discurso proferido na cerimônia de abertura da universidade, Anísio relaciona a história da cultura dos países com a universidade:

[...] é, pois, na sociedade moderna, uma das instituições características e indispensáveis, sem a qual não chega a existir um povo. Aqueles que não as têm, também não têm existência autônoma, vivendo, tão-somente, como um reflexo dos demais. Com efeito, a história de todos os países que floresceram e se desenvolveram é a história da sua cultura e a história da sua cultura é, hoje, a história das suas universidades (TEIXEIRA, 1962, p. 181).

O educador também destaca a função da universidade quando diz:

A função da Universidade é uma função única e exclusiva. Não se trata somente de difundir conhecimentos. O livro também os difunde. Não se trata, somente, de conservar a experiência humana. O livro também a conserva. Não se trata, somente, de preparar práticos ou profissionais, de ofícios ou artes. A aprendizagem direta os prepara, ou, em último caso, escolas muito mais singelas do que universidades (TEIXEIRA, 1962, p. 181).

A UNB pensada em comunhão com Darcy Ribeiro foi instituída em 1961 lei n° 3.998, de 15 de dezembro. Para Teixeira essa universidade foi pensada com o espírito de renovação da década de 30. Ao caracterizar a importância dessa instituição, o autor relembra o atraso brasileiro a nível de uma universidade.

Não é possível deixar de reconhecer o quanto a falta de real experiência histórica da universidade ao tempo da Colônia, salvo as tentativas dos jesuítas antes de

⁹ A UDF foi extinta e seus cursos foram transferidos para a Universidade do Brasil, por meio do decreto-lei n. 1.063, de 20 de janeiro de 1939, assinado pelo presidente Getúlio Vargas e pelo ministro Gustavo Capanema (FÁVERO, 2008).

¹⁰ Posteriormente denominada Secretário de Educação. Anísio permaneceu no cargo de 15 de outubro de 1931 a 2 de dezembro de 1935.

Pombal, tornou difícil ao país vir a conceituar com precisão a ideia de universidade como instrumento de incorporação de sua cultura nacional e instituição de seu desenvolvimento e controle. Vacilando entre a ideia de ensino superior como formação profissional das primeiras escolas do Império e a da universidade como consolidadora da cultura nacional, manifesta na década de 30 e depois na Universidade de Brasília em 1960, o país viveu todo esse longo período de mais de 100 anos a multiplicar vegetativamente aquelas primeiras escolas profissionais, dentro das precárias condições em que se criara o primeiro curso médico em 1808, entremeando esse *laissez-faire* com os assomos ocasionais de criação da verdadeira universidade. No meio de todo esse confuso processo, cabe apenas acentuar a transformação dos cursos médicos, que, a meu ver, representam o maior êxito do ensino superior brasileiro, no sentido de real incorporação da ciência experimental à formação profissional superior. Nas escolas de medicina estaria o modelo para a implantação da universidade moderna no Brasil (TEIXEIRA, 1989, p. 83).

Darcy Ribeiro (1961), ressalta a necessidade da criação da UNB:

Trata-se de escolher entre deixar que surja em Brasília, espontaneamente, uma série de escolas superiores precárias como as que se vêm multiplicando por todo o país que em breve se aglutinariam em mais uma universidade inviável, ou aproveitar a oportunidade para, com os mesmos recursos, provavelmente até com maior economia, dotar o país de uma universidade moderna, estruturada nos moldes que vêm sendo recomendados pelos nossos mais capazes professores e pesquisadores. A inevitabilidade da criação de estabelecimentos de ensino superior em Brasília está evidente, também, no fato de que já tramitam no Congresso projetos de criação de duas faculdades, uma de Direito, outra de Economia, modeladas segundo nossa tradição de improvisar escolas e professores¹¹.

A UNB foi pensada nos princípios da igualdade e gratuidade, destacando-se como modelo para as demais universidades. No entanto, despertou a ira de reitores de instituições arcaicas que viam na universidade uma ameaça ao “conforto de seu poder pelos ventos da renovação que sopravam no ensino superior (CUNHA; GÓES, 1985, p. 81).

Algumas considerações, mas são não finais

O texto propôs apresentar o pensamento de Anísio Teixeira, um dos maiores educadores brasileiros, sobre sua concepção da educação superior em contexto de criação de uma universidade no país com a valorização da cultura nacional.

¹¹ Essa obra não possui páginas sinalizadas em seu texto *online*.

O educador ao pensar em uma universidade direcionada para os interesses da nação, esteve engajado na transformação dessa instituição, atrelando a cultura, a pesquisa e a ciência para construção de uma identidade nacional e desenvolvimento do país através da educação.

Seu pensamento e inspiração, para os debates desses temas, são presentes e seus escritos relacionam-se com a atual crise da educação brasileira com desmonte das instituições universitárias presente nas ações do último governo Michel Temer (2016-2019) e Jair Messias Bolsonaro (2019-Atual). A universidade brasileira, que sofreu fortes resistências em sua criação, atualmente enfrenta ataques com cortes de verbas e de investimentos para sua manutenção em ensino, pesquisa e extensão. Através de muita luta a universidade brasileira resiste. Até quando? Não sabemos.

Contemporaneamente, a pandemia da Covid-19 é um desafio mundial nas esferas sanitária, política, social, econômica e educacional. No panorama brasileiro, a negligência de medidas de contenção na proliferação do vírus Sars-CoV-2 reflete diretamente na esfera educacional com o fechamento de escolas, universidades e instituições educacionais de ensino superior. No que se refere à educação superior, o governo brasileiro propõe iniciativas que não possuem sensibilidade com o momento atual e com a realidade educacional e social do país. As universidades públicas federais com risco de fechamento mediante corte de verbas no então ano de 2021, afeta não só estudantes, mas como toda comunidade que depende das instituições em ensino, pesquisa, atendimento e extensão.

Referências

BERTOLLETI, V. A.; AZEVEDO, M. L. de. Anísio Teixeira e a construção da Universidade Brasileira. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPE, 2010, Maringá. **Anais...** Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2010.

BERTOLLETI, V. A. Anísio Teixeira e o Projeto de Universidade Brasileira: UDF é UNB. In: IX Seminário Nacional de estudos e pesquisas "História, sociedade e educação no Brasil. **Anais...** Universidade Federal da Paraíba, 2012.

CUNHA, L. A. **A Universidade Temporã**: O Ensino Superior da Colônia à Era Vargas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

CUNHA, L. A.; GÓES, M. de. **O Golpe na Educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

FÁVERO, M. de L. de A. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 17-36, Editora UFPR, 2006.

Educação em debate em novos tempos: políticas e práticas

A importância de revisitar o passado em tempos de crise: a concepção de Anísio Teixeira sobre a Educação Superior e a Universidade no Brasil

DOI: 10.23899/9786589284147.1

FÁVERO, M. de L. Anísio Teixeira e a Universidade do Distrito Federal. **Revista brasileira de história da educação**. n. 17, maio/agosto, 2008.

HANSEN, J. A. História da Companhia de Jesus. In: MOTA, L. D. **Introdução ao Brasil**: Um Banquete nos Trópicos. São Paulo: Senac, 2001.

MENDONÇA, A. W. P. C. **Universidade e formação de professores**: uma perspectiva integradora. A Universidade de Educação de Anísio Teixeira (1935-1939). Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação da PUC-Rio, 1993.

MENDONÇA, A. W. P. C. Universidade, ciência e cultura no pensamento de Anísio Teixeira. **ALCEU**, v. 4, n. 7, p. 150-163, jul./dez. 2003.

MOACYR, P. **A instituição e o Império**. Subsídios para a história da Educação no Brasil: 1854-1889. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

MOREIRA, J. R. **Educação e desenvolvimento no Brasil**. Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 1960.

NUNES, C. **Anísio Teixeira**. Coleção Educadores. MEC – Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Editora Massangana, 2010.

PAULA, M. de F. C. USP e UFRJ: A influência das concepções alemã e francesa em suas fundações. **Tempo Social**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 147-161, out. 2002.

PEREIRA, E. M. de A. A construção do conhecimento na modernidade e na pós-modernidade: implicações para a universidade. **Revista Ensino Superior UNICAMP**, Campinas, n. 14, 2014.

RIBEIRO, D. Universidade de Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 36, n. 83, p. 161-230, jul./set. 1961.

SILVEIRA, Z. S. de; BIANCHETTI, L. Universidade Moderna: dos interesses do Estado-nação às conveniências do mercado. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21 n. 64, jan./mar. 2016.

TEIXEIRA, A. Notas para a história da educação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 85, p. 181-188, jan./mar. 1962.

TEIXEIRA, A. A universidade de ontem e de hoje. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 95, p. 27-47, jul./set. 1964.

TEIXEIRA, A. Uma perspectiva da educação superior no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 50, n. 111, p. 21-82, jul./set. 1968.

TEIXEIRA, A. **Ensino superior no Brasil**: análise e interpretação de sua evolução até 1969. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.

VIANA FILHO, L. **Anísio Teixeira**: a polêmica da educação. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.